



# Que futuro para a poesia?

e. m. de melo e castro\*

## Resumo

Desde o fim da segunda guerra mundial e perante os devastadores horrores dessa mesma guerra, uma pergunta tem sido feita, quanto à viabilidade da poesia como paradigma de ver, sentir e entender o mundo. Mas também durante toda a segunda metade do século XX, uma incerteza perante a viabilidade desse mesmo nosso mundo, minou contraditoriamente a nossa capacidade de conceber o futuro. As poéticas experimentais, a procura do novo, as poéticas do “não” e a sexualização da criatividade, foram nesse meio século, os caminhos encontrados para a criação poética. Caminhos que se continuam no início do século XXI com as propostas das novas tecnologias e na pesquisa dos novos gêneros de uma arte que se interroga sobre a viabilidade da sua própria poética, tal como foi concebida até agora na nossa civilização.

Palavras-chave: Criação poética; Poesia experimental; Poética do não; Sexualização da criatividade; Poesia no século XXI.

- Após a revelação do horror do Holocausto, em 1945, diz-se e eu cito de cor, que Theodor Adorno, o filósofo Alemão, declarou que escrever poesia se tornara impossível.
- Depois das duas primeiras explosões atômicas sobre cidades japonesas, Hiroxima e Nasagaki, em 1945, muitos poetas, entre eles Michael Hamburger, poeta e crítico alemão, consideraram que escrever poesia se tornara impossível.
- É também Michael Hamburger que, no prefácio à sua *Antologia da Poesia da Alemanha de Leste*, observa “vale a pena notar que o fim da poesia foi predito nos começos da Revolução Industrial, tanto por Thomas Love Peacock em 1820, como por Carlyle em 1829, que escreveu que a virtude já não estava no culto do Belo e do Bom, mas no cálculo do proveitoso. No

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

começo do século seguinte a Poesia defendeu-se proclamando a sua autonomia". Até Brecht, um Marxista, afirmou que "a arte é um território autónomo".

- Deixara de haver beleza no mundo. Só o lucro financeiro, a morte e a destruição, seriam o futuro?
- Após 11 de Setembro de 2001, quando o emblema do capitalismo internacional, as *Twin Towers*, foi destruído matando cerca de 3.500 pessoas, muita gente, na América e na Europa sentiu e disse que jamais o mundo poderia ser igual ao que era... o que certamente quer dizer que foi o futuro que mudou.
- Então, cabe-nos inquirir o que é que, durante o século XX, principalmente na sua segunda metade, foi igual ou mudou no Mundo e na Poesia.
- Perguntemos: a chamada "guerra fria" foi uma anestesia prolongada por quatro décadas, ou uma estesia psicodélica frustrada?
- A "paz" que então se disse que houve, após a brutalidade das duas guerras mundiais e da guerra civil de Espanha, foi uma BOMBA adiada ou uma utopia mansa, existencialmente vivida, no desejo do esquecimento?
- Entretanto, nos anos 50 do século XX a poesia renasceu, qual fênix impossível... Mas que poesia era essa? Talvez um humanismo dramático, tinto de lirismo erótico, qual uma terceira face de Janus? Porque a poesia já não era a mesma e o mundo também não. Ou seria uma realização atualizada do *Waste Land* de T. S. Eliot, 1922, ou seja a "Terra do Lixo"... mas também, o lixo da Terra?
- Uma poeta portuguesa, Amélia Vieira, em 2004, dá o título de FIM ao livro em que reúne uma antologia dos seus oito livros já publicados, juntando um livro inédito. No Prefácio escreve: "Os fins de ciclo não são caprichos da vontade individual, nem concessões às vagas dos tempos, são, isso sim, uma passagem estreita, ou, se quisermos, o limite da dor e da resistência humanas. Matérias pouco recicláveis, dado que uma vez vividas, nos devolvem a lucidez, diria mesmo, a clarividência de repor o movimento orbital das nossas desconhecidas e longínquas estrelas, em nós. (...) FIM indica também, a incapacidade de prosseguir face ao sincretismo actual do mundo que, em rigor, parece hostil à diferença, na ânsia de tudo unificar".
- É certo que sempre se podem continuar a escrever poesias sentimentais, ideológicas, realistas, em verso, em prosa ou até visuais etc., tal como ainda hoje se pode ir a pé a Santiago de Compostela ou fazer as mais arriscadas escaladas, ou atravessar o canal da Mancha a nado... mas não se pode ir a pé nem a nado até ao planeta Marte, nem desviar a rota de um cometa ou até de um pequeno meteorito, com as mãos!

- No entanto o Homem continua a ter pés e mãos, só que cada vez mais não sabe o que fazer com eles...
- Poderá, talvez tentar fazer poesia? – Mas que poesia poderá fazer ainda e apenas, com os pés andando e as mãos escrevendo?
- A questão está agora focada no “poder” e no “fazer”, afinal como sempre estive, desde o tempo dos homeros-viandantes-rapsodos de todas as grécias. “Poder” e “fazer” que sendo verbos transitivos (porque precisam de um complemento que lhes complete o sentido), quando associados se reforçam mutuamente, impondo perguntas, tais como: – poder fazer o quê ? e – como poder fazer?
- As respostas estão respectivamente nos conceitos gregos de POIETICA e TECHNÉ ou seja, respectivamente, na teoria e capacidade para o ato de conceber-produzir, e no saber do modo de produzir. Pois é essa mesma capacidade para conceber e o modo de fazer, que a poesia da segunda metade do século XX vai reler, reformular e repropor, nessa terra do lixo onde todos vivemos. Surgem assim as poesias experimentais mas também as poesias dos restos e dos desperdícios (outra leitura de *Waste Land*...) com os subjetivismos idos e uma simbologia desgastada, incapaz de se renovar, porque afinal tudo está sempre a mudar mas numa constante autosseme-lhança... contrariamente ao que o Camões verificara no século dezesseis... tempo em que “tudo ganhava sempre novas qualidades”...
- A metáfora dessa aparente contínua mudança, é para nós, claramente, o MAR: “O mar é sempre o mar./ Não há maneira de o mar deixar de ser mar./ Por isso o mar está sempre a mudar”. Isto, disse-o eu num poema dos anos 70. Será que eu sabia o que estava dizendo?
- Mas a imagem do MAR, como metáfora da POESIA, é subliminarmente contraditória, porque se a poesia, como o mar, não pode deixar de ser poesia, por outro lado ela é a imagem do que se pode fazer... e o que “ainda se pode fazer”, pode fazer-se precisamente, porque nunca foi feito... porque tudo o resto já foi feito e... se já foi feito, não é nem *poiesis* nem *techné*, mas sim pura repetição e diluição, como disse Ezra Pound! Por isso, não nos interessa aqui!
- Estamos assim, quer queiramos quer não, confrontados com a categoria do NOVO, que é aquilo que “ainda não é”... mas o ser do que ainda não é contém um escândalo ontológico, como disse Abraham Moles, nos primórdios da poesia feita em computador. Estamos na pista do desconhecido, digo eu... mas que podemos fazer revelar-se a pouco e pouco...
- Será, então que Adorno, Michael Hamburger e tantos de nós ficamos cegos com o horror das trevas do Holocausto e com o horror da luz infinitamen-

te intensa das explosões atômicas, tanto quanto as faces múltiplas do vazio que se nos revelavam?

- É sabido que o horror e o desconhecido podem paralisar quem os contempla, mas, nos anos 60 participei em Londres numa das muitas manifestações “anti-Bomba”... BOMBA atômica, de neutrões ou outras semelhantes, que traziam em si, não só a destruição do presente, como a impossibilidade do futuro. Mas nessas manifestações massivas, o desconhecido começava a ser menos ofuscante, com as luzes de uma outra diferente forma de ser e de estar: contestando, reclamando, manifestando o descontentamento e a não aceitação... Certamente aí algo de novo começou a tomar forma. Era uma nova possibilidade de FUTURO a começar a manifestar-se... isso pensávamos nós...
- “O tempo presente e o tempo passado/ estão ambos talvez presentes no tempo futuro,/ e o tempo futuro contido no tempo passado./ Se todo o tempo é eternamente presente/ todo o tempo é irredimível” (T. S. Eliot, em *Quatro Quartetos*)
- Assim, se o tempo é irredimível então só a negação é possível para propiciar, contraditoriamente, o futuro! E a negação é um novo paradigma para o sentir... para o pensar... para o viver... para o ver... para o comunicar... Ou seja, o paradigma do direito a dizer NÃO!
- Mas também o paradigma de, com os olhos ver e dizer o que ainda se não disse e do que ainda se não via... porque sempre os poetas disseram o que ainda se não via e viram o que ainda se não dizia...
- Tal ver e tal dizer começou a deixar de ser pedestre e manual, para ser assistido, turbinado, cibernético, com um futuro irredimível e cada vez mais acelerado, à frente de todos nós. Mas também certamente mais distante e menos contido no presente e no passado... Distante e só virtualmente ao alcance das nossas extensões cibernéticas.
- Entretanto esse NÃO, que se imiscuiria na invenção poética tornando-se sua característica estrutural, nas poéticas do fragmento e do não, na afirmação do não como valor positivo de um novo futuro, esse não começou a revelar a sua profunda natureza: o não ser.
- Não já o dualismo hamletiano do “ser ou não ser”, mas o valor absoluto de não ser isto nem aquilo, descentradamente, numa não natureza... num não lugar... num não tempo... que não é fim nem o começo de algo, mas sim o tempo do NÃO-NÃO, numa afirmação substantiva e antidialética... no reverso do verso... a contra pêlo... infinitamente insaciável, sedutor... de múltiplas faces, manhas e artimanhas...
- Então, numa manobra sinistra, o capital selvagem, deus do lucro, roubou

- aos poetas, seus exclusivos inventores, o valor não-dialético do não, travestindo-o em “politicamente correto” com o cortejo normativo do “não se pode fazer”, “não se deve dizer”... profundamente anti poéticos e contra inventivos, num êxtase restritivo... e democraticamente... totalitário!
- Que novo futuro, então para a Poesia?
  - É aqui que irrompem as tecnologias, mostrando que “tudo pode ser dito num poema”, já que tanto o sim como o não, são categorias alheias ao “*sex-appeal* do inorgânico”, como observa o italiano Mário Perniola. É que na sua capacidade de sedução os electrons e os fótons, assim como o código digital, não são nem bons nem maus, mas apenas rigorosos e eficazes em matérias de comunicação... e o poema é agora o “fogo frio do texto”!
  - As catástrofes instalam-se, as categorias éticas fraturam-se, os algoritmos matemáticos conduzem às bifurcações, a complexidade e o caos instalam-se no nosso dia a dia... o que é difícil de admitir e suportar por nós homens, entidades organicamente limitadas por hexágonos de carbono, geneticamente previsíveis e metabolicamente quentes... muito sensíveis e vulneráveis, portanto...
  - Está à vista o *stress*, a falência financeira, a corrupção, a confusão ideológica, o suicídio, a desintegração... o trans-nada! onde as utopias se diluem e a mesma tecnologia pode tanto servir para disparar mísseis com ogivas atômicas, como para, nas mãos de um poeta, criar a beleza de um maravilhoso poema visual! Agora não se pode deixar de perguntar: que diferença há então entre o disparar de uma ogiva nuclear e um poema? Ao que se responderá: apenas uma diferente seqüência na organização de zeros e uns, do código binário digital! Conclusão esta que parece pobre, mas não o é... pois tudo depende de quem comanda essa organização de zeros e uns e da sua intenção, ou melhor de ETHOS: ou destruir a humanidade ou produzir beleza e sublimação espiritual... o que afinal é uma velha questão: “O que farei eu com esta espada?” ou então a posição dos guerreiros medievais “com uma mão na espada e outra na cruz” ou, como eu sempre gostei de glosar, isto é de gozar esta frase: “com uma mão na espada, outra na cruz e outra na pena”!... dotando o homem com três mãos... o que me parece perfeitamente adequado no caminho da complexidade! Mas que é só possível a um meta-homem ou a um *ciborg*, como ainda recentemente vi um, no filme *Star Wars III* de Lukas, manobrando vertiginosamente com oito braços, oito sabres de luz que são ao mesmo tempo armas de morte e instrumentos de maravilhosa escrita visual... *Ciborg* que acaba sendo derrotado por um homem com um só sabre de luz, mas que detém uma outra elevada sabedoria e uma outra intenção: a tal FORÇA dos *Yedeis*, ou seja dos homens

especialmente preparados para o uso superior das suas capacidades cerebrais, na alegoria fílmica de Lukas.

- Na minha alegoria, a esses *Yedeis* chamo de “Poetas” ou seja seres humanos preparados para as tarefas de dizer o que não pode ser dito e que solitária e sabiamente produzem um bem que a todos pertence, a Poesia, e que deve ser feita não por todos, mas sim “para todos”, contrariamente ao que disse Lautreamont... mas cujo acesso é condicionado pelo desejo e pelo prazer individual proporcionado pela preparação psico-emocional que só a leitura apaixonada faculta.
- E o Futuro? – Bem, o FUTURO está aqui mesmo, chegando segundo a segundo, sem que ninguém dê por ele, à espera das nossas intenções e das nossas opções e de um fator de imprecisão de difícil controle, porque “são as pequenas coisas que não conhecemos que determinam o nosso futuro”... como dizia Vostel nos anos 60...
- Ora, é precisamente aqui que os problemas do tempo começam a considerar-se de um modo diferente, porque enquanto os relógios e os calendários terrestres contam segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, séculos, milênios, que de um modo dito diacrônico, avançam irreversivelmente no mesmo sentido, que outros tipos de tempo poderão existir em outros regiões do universo? Para quando-onde nos levam as galáxias e os outros sistemas planetários e o que nos revelam os buracos negros, e em que múltiplas direções do espaço-tempo? Em expansão? Em contração? Em quantas dimensões desconhecidas? – É que verdadeiramente nós não temos medidas senão para o imediato presente e ficamos perplexos perante a complexidade dos fenômenos cósmicos com os quais os nossos relógios só hipoteticamente são compatíveis e é, na nossa infinita pequenez, que qualquer idéia de futuro nos fascina e aterra. Aterror no duplo sentido de causar terror como no de pousar na terra de onde ainda só escassamente começamos a poder sair... É então com esse aterrado terror que teremos de continuar a produzir poesia, mas agora com uma consciência espacial cósmica que tende para o infinitamente grande.
- O transcendente e o sublime estão aí como sempre estiveram. Caminhos difíceis que são da poesia, mas que beneficiam agora de um respaldo científico e tecnológico como nunca existiu... nem no tempo de Heron e da Biblioteca de Alexandria, cuja destruição não deixa de ser uma metáfora e um aviso... e recordo-me do extraordinário poema da Haroldo de Campos:

já eu quizera no límen do milénio  
 número três testar noutro sistema  
 minha agnose firmado no convénio

que a nova cosmofísica por tema  
estatuíu: a explosão primeva o big-  
bang – quiçá desenigme o dilema!  
(CAMPOS, 2000)

- É que as grandes aspirações universais e mitos civilizacionais do Homem têm vindo a ser realizados tentativamente tanto pela ciência como pelos inventos tecnológicos, como extensões do desenrolar da busca do conhecimento do mundo e do universo, conhecimento esse que fundamenta e impulsiona a atividade científica tanto quanto a poética. Assim é com o mito de Ícaro, que personifica o desejo humano de voar e de vencer a gravidade terrestre, cuja resposta tecnológica é a aviação e as viagens interplanetárias. Ou o mito de Hermes, no desenvolvimento, aceleração e sofisticação dos meios de transporte e de comunicações, ao ponto de hoje vivermos envolvidos numa informoesfera. Ou a emulação do dom da ubiqüidade, só reservada para os deuses e hoje começando a estar ao alcance do homem através da teleinteratividade e que no futuro provavelmente se realizará pelo teletransporte. Ou a impenetrabilidade física dos corpos que os impede de ocuparem simultaneamente o mesmo espaço e que a holografia e a realidade virtual possibilitam e simulam. Ou a tecnologia da clonagem que pode ser interpretada como o começo (ainda apenas vislumbrado) da solução da inevitabilidade da morte, através de sucessivos indivíduos com o mesmo ADN, com vista a uma vida eterna, ou seja o regresso ao paraíso terreal da mitologia judaico-cristã!
- Seja como for a tecnologia contém em si um potencial mítico e de sonho muito superior à possibilidade do efeito de desastre teorizado por Paul Virilio, e, quando se fala em humanizar a tecnologia, é isso mesmo que se deseja enfatizar, ativando esse potencial humanístico e contrapondo-o aos usos desumanizantes que tendem a prevalecer no mundo contemporâneo.
- No pólo oposto, o dos infinitamente pequenos existenciais, verificamos as nossas circunstanciais divisões conjunturais. Aproximemos agora a nossa luneta de observação crítica dos poetas dos primeiros anos do novo século XXI, para verificarmos que é a homogenidade dos pequenos grupos que os mantém e qualifica como poetas. Penso que como conceito crítico adequado, poderemos considerar uma sugestão de Susan Sontag, feminista americana dos anos 60: “Não precisamos mais de uma hermenêutica do texto, mas sim de uma erótica do texto”. O que literalmente quer dizer que não é preciso mais ler e interpretar um texto, mas sim devemos abordar os textos pelos seus valores eróticos e sexuais, admitindo que a sexualidade dos autores se transmite à escritas dos seus textos e é ela que os caracteriza escritural e poeticamente... o que me parece, pelo menos, duvidoso...



- Nesta perspectiva, a poesia do futuro será apenas um privilégio de grupos de autores sexualmente homogêneos, ultrapassando a já obsoleta organização entre Mulheres e Homens. Teremos assim, a poesia dos homens não homossexuais e a poesia dos homens homossexuais; a poesia das lésbicas e a poesia das mulheres não lésbicas; a poesia dos homens machistas e a poesia das feministas; a poesia das lésbicas não feministas; a poesia dos transsexuais (de mulher para homem) e a poesia dos trans-sexuais (de homem para mulher); a poesia dos sádicos, a poesia dos masoquistas e a poesia dos sadomasoquistas; a poesia dos onanistas homens a poesia das onanistas mulheres; a poesia dos castrados, a poesia dos impotentes, e a poesia das mulheres frígidas... tudo isto em todas as combinações minimais, ainda possíveis e previsíveis... Mas, qual destes tipos de poesia poderá prevalecer no futuro? Um combate renhido certamente não levará a nada de inventivo... no entanto é sempre simpático que qualquer destas matérias possa ser metrificada e posta em verso... embora nem sempre seja poesia, como advertia já em 1948, o crítico americano Edmund Wilson, no ensaio “Será o verso uma técnica moribunda?”...
- Mas uma coisa deveremos observar: o aumento da complexidade em tudo o que nos diz respeito, caminha em dois sentidos, no do infinitamente pequeno e no do infinitamente grande, enquanto a complexidade uma vez instalada, não cessa de aumentar. Só que provavelmente, não saberemos nem hoje, onde nos encontramos na inquietação desses processos.
- No entanto, as tecnologias vão propondo novas possibilidades inventivas, precisamente entre o sublime infinitamente grande e o infinitamente pequeno das fragmentações erótico-sexuais, tornando obsoletas as categorias estéticas não complexas e abrindo caminho para novos gêneros criativos, estabelecendo relações híbridas entre as artes da escrita e artes plásticas das formas e das cores, e possibilitando o movimento e a transformação, a anamorfose, a combinatória estocástica ou caótica ou a intersecção do espaço-tempo, ultrapassando em possibilidades até a teoria “intersseccionista” de Fernando Pessoa. Poder-se-á falar ainda em poesia, no sentido em que Adorno e Michael Hamburger em 1945 falaram?
- Parece-me que não! Estamos em face de outras coisas, verdadeiramente impensáveis ainda há poucos anos, mas a que probabilisticamente chamamos de infopoesia, videopoesia, holopesia, poesia digital, poesia de computador, ciberpoesia, hiperpoesia, ou qualquer outra terminologia que julgarmos adequada para nos referirmos ao que estamos fazendo, talvez na busca dos novos gêneros complexos da invenção do futuro... afinal seguindo a lição de Aristóteles quando, no seu tempo, cerca de 340 anos antes de Cris-

to, definiu os novos gêneros literários válidos para vários séculos, e... escreveu a *Poética!*

- Embora este paralelismo seja uma imagem tentadora, ela não é mais do que isso, já que o tempo de Aristóteles estava ainda muito próximo da passagem da cultura oral para uma outra cultura, a da escrita, passagem essa que propiciava uma nova forma de pensar, justamente através da escrita alfabética, daí derivando as novas formas de escrever e de organizar a escrita.
- Hoje, no entanto não se trata de passar da oralidade para a escrita, mas sim de passar da comunicação monomediática para a multimediática, isto é para o uso simultâneo de vários media. Uma poética contemporânea terá que necessariamente ter em conta que cada um dos meios tecnológicos possui uma poética especificamente sua (fotografia, cinema, rádio, televisão, informática, internet, holografia, robótica...) mas que terá que ser desenvolvida também uma poética multimídia, ou várias poéticas multimédias, tal como já está a começar a acontecer com o hipertexto. Trabalho esse que certamente definirá não só novos gêneros como também terá que resolver novas questões no âmbito da comunicação, mas sobretudo na estética da produção, da leitura e das respectivas fruições.
- Penso mesmo que será na inevitável consideração das novas condições de fruição e do prazer estético, proporcionados pelos produtos das novas poéticas multimídia, que fundindo *poiesis*, *techné* e *ethos* em inesperadas estruturas dirigidas aos nossos sentidos inteligentes, de um modo pan-sinestésico, nos começam já a indicar os futuros daquilo a que até agora ainda chamamos de POESIA.

## Abstract

Since the end of World War II and in face of its devastating horrors, a question has been made about the viability of poetry as a paradigmatic way of seeing, feeling and understanding our world. Also, during the second half of the 20<sup>th</sup> century, an uncertainty concerning the viability of our own world undermined, in a contradictory way, even our capacity to conceive the future. Experimental poetics, the search for novelty, the poetics of denial and the sexualisation of creativeness were, during that half century, the ways found for poetic creativeness. Those ways continue in the 21<sup>st</sup> century with new technologies and the research into new genres of an art that questions the feasibility of its own poetics, as it has been conceived up to now in our civilization.

Key words: Poetic creation; Experimental poetry; Poetics of denial; Sexualisation of creativeness; 21<sup>st</sup> Century-poetry.

## Referências

- ANTONIO, Jorge Luiz. *Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais*. Tese de Doutorado inédita, apresentada e aprovada na PUC-SP em Junho 2005, aguardando publicação.
- CAMPOS, Haroldo de. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- CASTRO, E. M. de Melo e. *Antologia efêmera*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.
- CASTRO, E. M. de Melo e. *Poética dos meios e arte high tech*. Lisboa: Ed. Vega, 1988.
- DUCASSE, Isidore. Conte de Lautreamont. *Poésies*. Paris: Le Terrain Vague, 1960.
- ELIOT, T. S. *Collected Poems 1909-1935*. London: Faber & Faber, 1936.
- ELIOT, T. S. *Quatro Quartetos*. Tradução Maria Amélia Neto. Lisboa: Edições Ática, 1983.
- HUMBURGER, Michael. *East German Poetry, an anthology*. Oxford: Carcanet Press, 1972.
- JAEGER Werner. *Paidéia – A formação do homem grego*. Martins Fontes: São Paulo, 1989.
- MOLES, Abraham. *Arte e computador*. Tradução Pedro Barbosa. Porto: Edições Afrontamento, 1900.
- NUTTALL, Jeff. *Bomb Culture*. London: Paladin, 1968.
- PERNIOLA, Mário. *O sex appeal do inorgânico*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004.
- VIEIRA, Amélia. *FIM*. Lisboa: Cavalo de Ferro Editores, 2004.
- VIRILIO, Paul. *A velocidade de libertação*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2000.
- VIRILIO, Paul. *Cybermond la politique du pire*. Paris: Editions Textuel, 1996.
- WILSON, Edmund. *The triple thinkers*. London: Penguin Books, 1962.

